

Velha não, pois a Porcalhota só foi baptizada com este nome há poucos séculos. De qualquer modo vamos mostrar como era vista no século passado por Francisco Cândia, numa publicação de 1961, sob o mesmo título:

«A VELHA PORCALHOTA»

«A velha Porcalhota, quase à beirinha de Benfca, está por tal forma a aproximar-se da capital, a crescer com tanta intensidade, que ao observador, postado nos miradouros de Monsanto, mais parece fazer já parte dela do que constituir uma extensa e populosa povoação pertencente a outra divisão administrativa.

O topónimo Porcalhota, segundo Pinho Leal, é diminutivo de porcalha que, em português antigo, significava leitão.

Nos meados do século passado contava o lugar — que pertencia à freguesia de Benfca — 359 fogos e uma ermida sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição da Lapa.

Vilhena Barbosa, então, descrevia-a por esta forma:

«As casas do lugar estão quase todas arruadas ao longo da estrada, parte em sítio baixo e plano a que chamam por essa razão Porcalhota de Baixo; e a outra parte em terreno mais elevado, mas também plano, pelo que a denominam Porcalhota de Cima. Uma calçada, não muito íngreme, separa as suas partes da povoação.

A primeira é uma das mais formosas situações dos subúrbios da capital. Figurai um extenso lanço de estrada macadamizada, de bastante largura, e tão direita que decerto foi alinhada a cordel. Oriai um dos lados da estrada de boas casas de campo, algumas de elegante e gracioso aspecto, que se vão alterando com os jardins e pomares que as dividem, aqui elevando-se e debruçando-se as árvores de cima dos muros como para fazerem sombra aos viandantes, acolá caindo dos terrados e caramanchões gmaladas de plantas trepadeiras e festões de flores, que o vento desprende e agita, embalsamando o espaço com seus aromas.

Ao outro lado da estrada dai-lhe por única cercadura fileira de árvores asnosas e campos vastíssimos, terminando em colinas, que fazem moldura ao quadro: as árvores tão pacatas e frondosas, que parecem querer beijar com as extremidades dos ramos, em prova da feracidade do terreno, os pomares e jardins de além; e os campos, onde parte do ano crescem soberbas searas, omadas de longe em longe com pequenas quintas que lhes quebram a monotonia com seus vícosos arvoredos. Estendei pelos campos, próximos das colinas, e que dá passagem às águas livres no seu curso para Lisboa. Semeai as colinas de alguns casais, que, apesar de raros e humildes, ajeitam com graça por entre as quebradas, e na parte mais elevada delas colcai uma aldeiazinha, que respandece pela alvura das suas casas, e que avulta pitorescamente pela quinta e palácio torreado dos srs. condes da Louzã. Chamava-se o lugar da Damaia».⁽¹⁾

A quinta mais importante que marginava a estrada pertencia a Luís do Rego da Fonseca Magalhães, filho do célebre parlamentar Rodrigo da Fonseca Magalhães.

Na Porcalhota realizava-se uma popular festa em honra de S. Sebastião que carrega farta concorrência não só dos arredores mas também de Lisboa.

A de 1905 — efectuada nos dias 20, 21 e 22 de Agosto — teve grande entusiasmo e extraordinária animação porquanto havia há quatro anos que não tinha lugar.

A capela de S. Sebastião, ornamentada com panos próprios e muitas flores, esteve permanentemente cheia de fiéis, sendo raros aqueles que não deixavam a sua esmola.

No adro amou-se o arraial onde não faltou a infalível baraca da quermesse. Na tarde de domingo — a principal festa — tocou no coreto a famosa banda da Armada e realizou-se uma corrida de bicicletas, então muito na moda e apreciadas pela boa sociedade do tempo.

Os concorrentes deveriam seguir o percurso — estrada real, Porcalhota, Queluz, Massamá, Cacém, Aqualva, Idanha, Belas e regresso.

Ganhou a prova Ernesto Zenóglío — que fez o caminho em quarenta minutos — classificando-se em segundo lugar, Júlio Carneiro.

A Porcalhota de Cima era afamada pela excelência dos bons ares embora não fosse tão pitoresca como a sua irmã da parte de baixo. Parecia mais, segundo o citado escritor: «uma rua da cidade», onde tudo era casaria, embora com poucos edifícios de aparência agradável.

Um outro facto que tornava a pitoresca povoação bastante procurada pelo lisboetas, eram os retiros, alguns dos quais alcançaram justificada fama, como o

do Pedro dos Coelhos ou Pedro da Porcalhota, como também era conhecido, autor, segundo a fama, do célebre coelho à caçadora, único, conforme os entendidos, na história da gastronomia popular fora de portas.

O elevado conceito do apreciado petisco vinha de longe.

Uma das tradições da origem do pítu é a seguinte:

«Um respeitável fazendeiro morava há muito tempo ali pelos sítios de Sete-Fios.

Gostava ele muito de coelho guisado e, como os tinha no quintalão, era aquele o seu prato de todos os dias.

Neste tempo não havia ainda omnibus para aqueles sítios, e o bom do fazendeiro vinha a pé à cidade e a pé fazia a volta.

Chegava a casa, e como tivesse sempre coelho para a ceia já não o apreciava — comia sem apetite.

Um dia arranjou uma nova propriedade na Porcalhota e para ali transferiu a sua residência, mas na mudança os coelhos fugiram e ele chegou à nova casa sem os seus roedores favoritos.

Comprou a mulher outros ali e no dia seguinte, quando o marido chegou a casa, apresentou-lhe a ceia como de costume.

O marido, com o apetite estimulado pela hora mais tardia a que se meteu à mesa, pelo maior passeio que dera ou pela mudança de ares, apreciou o coelho como nunca.

Achou-o uma delícia!

—O que será isto? — perguntou ele — nunca me soube tão bem o coelho como neste sítio!

E como nos dias seguintes se repetiu o mesmo fenómeno mais se foi propagando a fama de que o coelho guisado só é bom na Porcalhota... depois de um bom passeio a pé».⁽²⁾

O passeio a pé influiria, sem dúvida, no paladar do apreciador do célebre cozinhado tanto como a excelência da mão do cozinheiro...

Completavam-se.

O frequentador do retiro do Pedro da Porcalhota escolhia o coelho que desejava lhe fosse preparado o qual era morto, esfolado e cozinhado à sua vista para evitar a desconfiança de que, depois, estivesse a comer gato, como se dizia fazer a Maria Botas, na feira de Santos, que, segundo a fama, algumas vezes seria aos comensais gato por lebre.

É claro que o Pedro dos Coelhos não escapava como outros colegas do sítio, da acusação de realizar as mesmas trocas...

Numa revista, dos tempos em que eu era ainda criança, lembro-me de ter ouvido uma actriz, que figurava uma juvenil e pretenciosa Amadora, cantar esta quadra, filha da tradição gaticida:

Minha mãe, a Porcalhota,
Lá vivia num casebre
Fazendo muita batata
Vendendo gato por lebre.

Mas coelho ou gato, não se comia pítu de melhor sabor dez léguas em redondezal...

E depois, para que tudo fosse motivo de tentação para o lisboeta dos quatro costados, nem sempre faltava o fado, cantado nos retiros, como no de Bernardino Ferreira Saldanha, que, além de cantor, foi igualmente poeta.

Aos oitenta anos ainda cantava versos da sua autoria.

«Principiou por cantar à desgarrada e ao fandango, canto que é feito de improviso, por ter de se cingir à deixa do adversário, e, na resposta a dar-lhe, ter de fazer rima com a palavra com que esta terminou. Segundo informações que recebemos do próprio Bernardino Saldanha, os principais cantores à desgarrada e ao fandango — há sessenta anos bem puxados (1840) — eram: o Almeida, o José Moleirinho, de Almeida Galega e o bufarinheiro Manuel Simões.

Quando se principiou a cantar o fado foi posto de parte o canto do fandango, e o Bernardino Saldanha abandonou este para encetar aquele, que começou então a ser moda popular, Bernardino Saldanha evidenciou-se como improvisador hors ligne nesse temo fado, da popular cantiga que se dizia ter brotado de algum sonho oriental, de um desses sonhos cheios de fosforescências, de brilhos estelantes, de lantejoulamentos metálicos, de um desses sonhos inarráveis em que se vêem catadupas de sois liquefeitos caindo da Eternidade no Infinito».⁽³⁾

Neste ambiente não poderiam faltar os fidalgos e os artistas que apreciavam a nova canção.

No pátio duma fábrica, que existia na Porcalhota, em 1853, efectuou-se uma corrida de touros, promovida pelo Conde de Vimioso que, com outros com nome na festa brava, tiveram uma tarde de glória.

A Porcalhota ficava ainda na estrada que levava a Sintra.

A paragem era obrigatória.

O grande Eça, em «Os Maias», alude ao facto quando nos descreve a viagem que o Carlos da Maia fez no seu breque, na companhia de Cruges, carregado de abafos como se fosse para uma enorme distância, em demanda de Maria Eduarda que se encontrava em Sintra.

«O break rodava na estrada de Benfca: iam passando muros enramados de quintas, casarões tristonhos de vidraças quebradas, vendas com o seu maço de tabaco à porta deperduado de uma guita: e a menor árvore, qualquer bocado de relva com papoulas, um fugitivo longe de colina verde, encantavam Cruges. Há que tempos ele não via o campo!

Pouco a pouco o sol elevava-se. O maestro desembarcou-se do seu grande cache-nez. Depois, enclanchado, despiu o paletot e declarou-se morto de fome.

Felizmente estavam chegando à Porcalhota.

O seu rico desejo seria comer o famoso coelho guisado — mas, como era cedo para o acepipe, decidiu-se, depois de pensar muito, por uma bela tratada de ovos com chouriço. Era uma coisa que não provava havia anos, e que lhe daria a sensação de estar na aldeia... Quando o patrão, com um ar importante e como fazendo um favor, pôs sobre a mesa sem toalha a enorme travessa com o petisco, Cruges esfregou as mãos, achando aquilo deliciosamente campestre.

—A gente em Lisboa estraga a saúde! — disse ele puxando para o prato uma montanha de ovo e chouriço. Tu não tomas nada?...

Carlos, para lhe fazer companhia, aceitou uma chávena de café».

A Porcalhota, com a sua simplicidade, manteve, por muito tempo um certo encanto e atractivo.

Hoje, esse recanto bucólico é como uma espécie de perfume diluído no ar, que lembra horas que foram felizes e que nunca mais — nunca mais! — poderão voltar...

A Porcalhota foi igualmente paragem obrigatória para os cortejos nupciais que iam passar a tarde nos profanados jardins de Queluz e jantar em qualquer hotel desta povoação.

Genésio Lobato, na «Comédia de Lisboa», traça a cena em leve aguarrela:

«Na Porcalhota há uma demora de vinte minutos. Quem se faz esperar é o primo, que por fim aparece sózinho numa vitória de batedor, apanhando todo o sol para se mostrar bem a quem passa. A noce tem-se apeado toda: os homens bebem água com genebra e açúcar, e as senhoras sangrias.

O primo (entrando e indo de grupo em grupo). — Esperaram por mim? Foi o carro que atropelou no Chiado um aguadeiro. (Felizmente para o aguadeiro era mentira...) Venha genebra, genebra só... Há um mês que estive aqui... mas nesse dias não vinha sózinho como hoje.

O cocheiro dos noivos (que estava dando pão aos cavalos) — Vim com V. S.º lembro-me perfeitamente. Nesse tempo ainda eu era cocheiro dos omnibus do Ezequiel.

O primo engole a genebra.

Segue tudo para Queluz, alinhado como um enterro».

Actualmente a Porcalhota é uma sornbira do que foi.

Já por lá se não prepara, para o viandante e para o apreciador, o famoso coelho guisado.

O próprio pitoresco, a que alude Vilhena Barbosa, desapareceu.

Cerca, a dois passos, encontra-se a moderna Amadora, com ares citadinos, a pretender não ter com a antiga aldeia qualquer laço de parentesco.

Na época em que a revista citada foi à cena, a Amadora encontrava-se, por assim dizer, em plena infância, com umas dúzias de chalezinhos de maior ou menor gosto, rodeados por largos e verdejantes quintalejos de onde afloravam, numa floresta estranha, os poucos estéticos moinhos de vento.

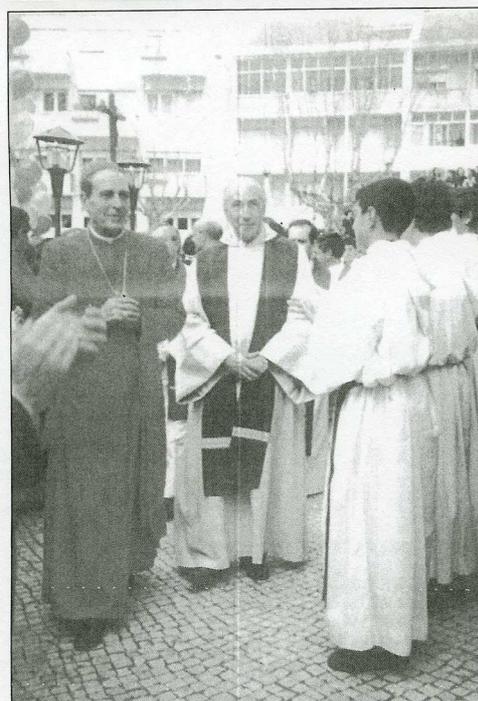
A nível povoação tinha então ainda o aspecto campesino e agradável.

Mas a actriz que a representava, dizia já que a sua origem fora diferente da que tivera a Porcalhota e que as suas aspirações iam muito além do que se poderia supor.

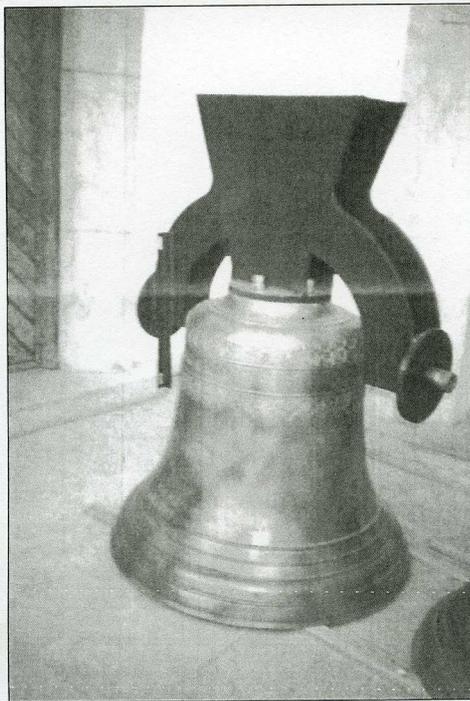
Mas eu cá fui inducada
Da maneira mais melhor
E por isso sou chamada
A Lisboa Junior.

⁽¹⁾ Fragmento de um roteiro de Lisboa, in «Arquivo Pitoresco», ano de 1963.
⁽²⁾ L. de Mendonça e Costa, Caminhos de ferro de Lisboa a Cintra, in «O Ocidente», de 1-6-1887.
⁽³⁾ Pinto de Carvalho (Tinop) — «História do Fado».

NA FESTA DOS RAMOS, OS SINOS TOCARAM



O Cardeal Patriarca a caminho da Matriz. Foi em 23.3.96, a que fizemos alusão na edição anterior.



O sino «pai», acompanhado dos seis «filhos», que subirão, depois de benzido em 23 do corrente, ao alto da Torre da Matriz.

